

À procura da morte: uma análise sobre *A história de uma mãe*, de Andersen / *Searching for death: an analysis of A história de uma mãe*, by Andersen

Daniela Maria Segabinazi*
Jaïne de Sousa Barbosa**

Recebido em 31 out. 2018. Aprovado em 25 ago. 2019.

Como citar este artigo:

BARBOSA, Jaïne Sousa; SEGABINAZI, Daniela Maria. À procura da morte: uma análise sobre “A história de uma mãe”, de Andersen. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 8, n. 3, p. Port. 272-291 / Eng. 269-288, set. 2019. ISSN 2317-2347.

DOI: <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i3.1240>.

RESUMO

Sabemos que o tema da morte é abordado em diversos textos para adultos e crianças e em diferentes perspectivas, que variam de acordo com o contexto e a época em que são produzidos. Um dos universos em que ele é visto é o da literatura infantil e juvenil, principalmente nos contos de fadas, por terem sido considerados os primeiros textos destinados à infância, no século XVII. No presente artigo, analisaremos como se dá a construção e representação da morte em *História de uma mãe* (2012), de Hans Christian Andersen. Na presente narrativa, uma mãe desesperada procura pela Morte a fim de recuperar seu filho desaparecido e é nessa busca que centraremos nossa atenção, atentando para os detalhes que não apenas falam do tema, mas da cultura da época em que o texto foi escrito. Para elaboração do trabalho, realizamos a leitura de alguns estudos e pesquisas de autores como Ariès (2012) e Coelho (2012) e traçamos um percurso acerca da morte na literatura de modo geral e na literatura infantil, mais especificamente, associando essa trajetória à a análise do texto, que nos traz a morte representada como personagem e mostra a trama de uma mãe ao enfrentar uma série de obstáculos para encontrar seu filho e trazê-lo de volta à vida.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil; Morte; Contos de fadas; Andersen.

ABSTRACT

We know that the theme of death is addressed in several texts, both for adults or children, in different perspectives, which vary in accordance with the context and epoch that they are produced. One of the universes which death is observed is the children's and juvenile literature, especially in fairy tales, because they have been considered the earliest texts destined for childhood, in the 18th century. In this paper, we analyzed how is the construction and the representation of death in *História de uma mãe* (2012), by Hans Christian Andersen, In the present narrative, a desperate mother seeks Death in order to recover her missing child, and it is in this quest that we will focus our attention, paying attention to the details that speak not only of the theme, but of the culture of the time when the text was written. In order to perform this work, we carried out reading of some authors, like Ariès (2012) and Coelho (2012), and traced out a course about the death in the literature in a general and in the children's literature, more specifically, linking it with the analyses of the text, which brings us the death represented as a person and show the story of mother when facing a series of obstacles to find her child and bring him back to life.

KEYWORDS: *Literatura Infantil; Morte; Contos de fadas; Andersen.*

1 Introdução

* Prof^a. Dra^a. da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil, dani.segabinazi@gmail.com

** Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Campina Grande, Paraíba, Brasil. jaïne.barbosa@outlook.com

Desde a antiguidade, a temática da morte é motivo de inquietações, principalmente porque a seu respeito há mais questionamentos que respostas. É imensa a quantidade de filósofos, cientistas e religiosos que elencam considerações sobre ela, e a literatura, como parte fundamental no universo das artes, não está ausente disso, uma vez que representou a morte sem limitar-se às épocas, por meio da história de variados personagens que compõem as narrativas e através de diversas simbologias e imagens, sendo algumas delas realistas e assustadoras e outras românticas, metafóricas ou exemplares.

De maneira geral, sabemos que esse tema é abordado em diversos gêneros literários, tanto para adultos como para crianças e em diferentes estilos de escrita e perspectivas, que variam de acordo com o contexto e a época em que são produzidos. Para as crianças, o universo em que a morte aparece encontra-se nas obras da chamada literatura infantil e juvenil.

É através dessa literatura própria para esse público que se abrem as possibilidades de tratar sobre temas tão polêmicos como a violência, a sexualidade, o abandono, pobreza e, principalmente, a morte. Nesse contexto, inserem-se os contos de fadas e as narrativas maravilhosas, como gêneros influentes e capazes de, através das histórias, repassar saberes e possibilitar aos leitores e ouvintes um ingresso em um universo que, apesar de lidar com a fantasia e imaginação, trata também de conflitos e situações que fazem parte da realidade humana, principalmente porque surgiram em uma época onde a ideia de infância não existia tal qual temos hoje e, por essa razão, a criança estava inserida nos mesmos ambientes e ofícios dos adultos, ambientes esses que eram marcados pela pobreza, miséria e violência. É por essa razão que, conforme pontua Darnton (2014), “longe de ocultar sua mensagem com símbolos, os contadores de história do século XVII, na França, retratavam um mundo de brutalidade nua e crua.” (DARNTON, 2014, p. 29).

Nessa mistura não havia temas próprios para adultos e impróprios para crianças e por isso há tantas narrativas em que a morte aparece de forma recorrente como protagonista ou coadjuvante, mostrando suas diversas facetas, seja em tom dramático, assustador, irônico, engraçado ou até mesmo grotesco. Essas formas de ficcionalização no texto literário só enfatizam a estreita relação existente entre o tema e a própria

literatura. Essa ligação acontece principalmente graças à representação, uma vez que é por meio dela que autores transpõem para as páginas dos livros aquilo que é parte do universo e cotidiano humano.

Com essas narrativas, alguns nomes fincaram raízes no universo infantil. Compilando ou criando textos a partir daquilo que era contado pelo povo, autores como Perrault (1628-1703), na França, Jacob (1785 – 1803) e Wilhelm Grimm (1786- 1859), na Alemanha e Hans Christian Andersen (1805- 1875), na Dinamarca, marcaram essa literatura. Embora interligados por acontecimentos políticos, históricos e sociais distintos, estabeleceram-se com importância inegável em seus países de origem e, se podemos assim afirmar, em todo o Ocidente.

A obra desses autores está entre as mais conhecidas, traduzidas e adaptadas quando o assunto é contos de fadas e contos maravilhosos. As pesquisas que as utilizam como *corpus* não se restringem apenas ao campo da literatura infantil e isso acontece especialmente porque ao lermos suas narrativas não nos deparamos somente com o universo da criança em contraposição ao do adulto, mas principalmente com a representação de uma gama de personagens inseridas em um contexto histórico e social cuja importância existe não apenas na Europa, mas em muitas outras partes do Ocidente.

Neste trabalho, nos deteremos a apenas um desses nomes. Nossa pesquisa, que é de cunho interpretativo e bibliográfico, tem como principal objetivo discutir a representação e a ficcionalização da morte no conto *História de uma mãe*, escrito por Hans Christian Andersen em 1847, um autor que traz em seus textos, a exemplo de *A pequena vendedora de fósforos*, *A criança na sepultura*, *O patinho feio*, *Os sapatinhos vermelhos*, entre outros, a mais rica diversidade de sentimentos, desde a dor mais profunda à felicidade que se pode conquistar com sátira, compaixão e humor. Com sua literatura, ele dá ênfase às pequenas bizarrices diárias e presentes na vida do homem, além de sugerir caminhos para a reflexão dos problemas sociais. (DUARTE, 1995). O escritor representava para crianças, através do texto, com linguagem simples, podendo transmitir o ideal religioso em que acreditava, enxergando a vida como um conjunto de dificuldades que cada um de nós precisa atravessar para chegar ao céu, e a morte como um rito de passagem desse mundo para outro melhor.

Em nossa discussão, traçaremos um breve percurso histórico acerca da morte na literatura, bem como sua inserção na literatura infantil. Logo após, analisaremos o lugar da morte na narrativa *A história de uma mãe*, através de elementos presentes no texto, bem como a descrição das personagens, das cenas em que ela aparece e da influência da voz narrativa no contexto da história. Para fundamentarmos nossa pesquisa, utilizamos os textos de autores como Ariès (2014), Rodrigues (1998), Chiavenato (1998), acerca da morte e suas representações sociais e culturais; e Correia (2013), Lotterman (2009) e Aguiar (2010), sobre a relação existente entre a referida temática e o universo da literatura infantil.

2 Representações da morte na literatura infantil e juvenil

Muitos são os meios para falar sobre morte e, a partir do momento em que pensamos sobre a realidade e a ficção, a literatura é um dos principais caminhos para que sejam construídas reflexões sobre o tema. É também por meio dela que se pode apresentar as respostas dos tantos questionamentos que lhes são suscitados, de modo que o indivíduo consiga transpor algo da vida real para as páginas dos livros ou para a oralidade.

Além de tratar de temas comuns à realidade do homem, é essencial que reconheçamos o texto literário enquanto produto cultural que carrega as marcas de um tempo e traz consigo a história de muitos povos narrada na vida das personagens. Na literatura infantil, isso não é diferente e é por essa razão que Darnton (2014) classifica esses textos como “documentos histórico-culturais”, porque as mesmas narrativas que divertem, trazem lições de vida e vêm encantando leitores há séculos, são também as que revelam as mazelas sociais de um período e lugar, e revelam também o estilo de escrita dos autores influenciados pelo momento histórico em que eles estavam inseridos.

Por esse motivo, é inevitável não nos depararmos com as histórias e culturas das civilizações, e com o modo pelo qual seus valores foram transmitidos ao longo dos anos, sem observarmos o papel que o texto literário exerce nessa transmissão, uma vez que ele carrega em si um arsenal de tradições a serem repassados e renovados à medida em que as épocas mudam; uma prova disso é o próprio surgimento da literatura infantil

e a influência que esse surgimento exerceu sobre a forma como alguns temas, a exemplo da morte, eram retratados nas obras.

Apenas com a noção de família, originada no século XVII, foi que a ideia de infância propriamente dita se constituiu; e essa importância que a criança passou a ter não surgiu por acaso, foi fruto de mudanças sociais que ocorreram ao longo do século, sobretudo porque nele surge uma nova classe social denominada burguesia, que interfere diretamente na literatura, uma vez que nesse momento da história, passa-se a dar uma importância real à educação. Antes desse período, alguns dos contos clássicos que conhecemos hoje como literatura infantil não eram destinados às crianças e, por isso, eram mencionadas tantas cenas de morte, violência e outros assuntos que poderiam não ser “apropriados para crianças” nos dias atuais. Os temas que tratavam da vida adulta, da luta pela sobrevivência, da sexualidade, “regras sociais, comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias” (AZEVEDO, 1999, p. 3) e eles eram inseridos justamente para retratar a vida das pessoas.

No entanto, é sabido que a literatura não é uma cópia perfeita do real ou uma realização fantasiosa que se distanciou dos significados do mundo e da história da humanidade. Ela aproxima esses dois universos, da ficção e da fantasia, por meio da representação. Para Eagleton (2006), é através dela que o homem pode “refletir as experiências interiores ou objetos no mundo real, ‘tornar presentes’ os pensamentos e sentimentos, ou descrever a realidade.” (EAGLETON, 2006, p. 194).

O autor também destaca que há alguns equívocos acerca dessa noção de representação. Para ele, não é possível apresentar ao leitor uma cópia fiel da nossa realidade por meio de todas as informações que o autor põe em sua obra, “isso porque não é possível ter uma significação ou experiência pura da realidade sem deformações.” (EAGLETON, 2006, p. 194). É por essa razão que vemos, através das personagens e das tramas de muitas obras, somente uma parte da realidade, fragmento esse que não é de todo fiel ao contexto referido, por ser acrescido da ficção e da fantasia, as quais já mencionamos.

Além desse fato, há modos específicos de ficcionalizar tais realidades, particularmente pelo fato de que cada autor é detentor de um modo singular de compreendê-las e repassá-las por meio daquilo que escreve, uma vez que eles “sempre

se posicionam a partir de um lugar social e os olhares que assumem são permanentemente contingenciados por circunstâncias que emergem em função de tais lugares.” (LUCCA; MIRANDA, 2004, p. 1). A realidade em que Andersen, autor da narrativa *A história de uma mãe*, está inserido, é diferente daquela em que surgiram os primeiros textos destinados às crianças. Se a época em questão era outra, a abordagem aos mesmos temas também seria.

No entanto, apesar de estar inserida em um contexto histórico em que a ideia de infância e família já estavam fixadas e influenciavam as suas histórias, a narrativa a ser aqui analisada é um exemplo claro de como o contexto social, notadamente no que diz respeito aos princípios de fé que nortearam a vida de Andersen e da influência que os ideais românticos da época, exercem influências sobre sua escrita.

O conto foi escrito no século XIX, mais precisamente em 1848, e foi nesse período que princípios românticos, como o “incentivo à fraternidade e caridade cristãs; a resignação e a paciência com as duras provas da vida, Valorização da Obediência, Pureza, Modéstia, Paciência, Recato, Submissão, Religiosidade” (COELHO, 1984, p. 119-120), estavam em voga. Esses mesmos princípios são facilmente percebidos em seu texto na postura da protagonista da história, uma mãe corajosa e paciente que enfrenta a própria Morte para ter seu filho de volta.

A própria representação da morte no conto de Andersen já demonstra como o autor tratou de forma singular sobre um tema que, normalmente, é tratado apenas como um evento que não gera mudanças significativas nas narrativas. Acerca dessa abordagem comum aos textos infantis sobre o tema, Lotterman (2009) afirma que

na literatura infantil e juvenil, há maior incidência de obras em que a morte é tratada como efeméride, como um acontecimento que, a despeito das consequências que acarreta, não provoca mudança de valores ou conceitos. Nesses casos, a morte é banalizada, não incita reflexões sobre a vida. E mesmo que haja dor, ela rapidamente se esvai: às vezes nem se faz menção ao sofrimento e ao luto. A morte deixa sua marca, mas tal impressão nunca é uma cicatriz: apaga-se com facilidade (LOTTERMAN, 2009, p. 08).

Talvez isso se dê por todo o peso social que é construído em torno da morte há séculos. Se para os adultos tratar do tema era algo que causava medo e repulsa, na infância não seria diferente. Ainda assim, bem como em *A história de uma mãe*, existem narrativas em que o tema ocupa um grande espaço da história e acaba por atingir a

existência do próprio texto, permitindo que o leitor reflita sobre os acontecimentos tanto nos limites da narrativa quanto no que é externo a ela.

Paiva (2011), sobre isso, pontua que a literatura permite que a criança esteja em contato com informações e situações que fazem parte de sua vida, trazendo, por meio das histórias, os sentimentos e emoções que ela própria pode compreender como seus, tais como as relações familiares, as dificuldades da separação, do crescimento, da vivência com a morte de um ente querido, entre tantas outras situações. Além disso, ela pode “entrar em contato com outros lugares, outros tempos, outras maneiras de ser e de agir, que a levam a novas descobertas.” (PAIVA, 2011, p. 50).

Dentro desse contexto, por possibilitarem o diálogo sobre diversos temas, a abordagem da morte nos textos infantis também é uma forma de fazer o assunto ser compreendido pelos pequenos leitores. Através de textos em que ele aparece como parte da trama, provavelmente, a criança estaria melhor preparada para enfrentar as possíveis perdas que poderá sofrer ao longo da vida. Além disso, poderia vivenciar o processo de luto com “mais facilidade e, provavelmente, também conseguiria se relacionar melhor com as situações inevitáveis, sendo capaz de encarar a morte como algo que faz parte do processo do viver.” (PAIVA, 2011, p. 17).

Para a criança, e até mesmo para os adultos, as narrativas que abordam a temática da morte mostram como ela é parte inerente à vida e como é possível existirem tantas considerações ao seu respeito. Um exemplo disso será visto na análise a seguir, na qual a relação com a morte é construída com sensibilidade e sentimentalismo, algo comum no século XIX, e que acaba por enfatizar o fato de que Andersen foi um dos escritores da época que imprimiu em suas histórias sua visão sobre Deus, o sofrimento humano e os problemas sociais.

Apesar de contar sobre a relação com a morte na perspectiva de uma mãe e não de uma criança, *A história de uma mãe* nos mostra a própria Morte como uma personagem carregada de símbolos e metáforas e traz muito sobre a dor e a renúncia diante da morte, retratando a capacidade de uma mulher de doar-se por amor ao filho.

3 Da dor à resignação

A obra de Hans Christian Andersen (1805- 1875), parte advinda da literatura popular e outra de sua própria autoria, traz o universo maravilhoso, feérico e misterioso, próprio do “antigo espírito céltico-germânico-nórdico presente naquelas coletâneas anônimas, apresenta-se em Andersen, como que ‘filtrado’ pela ternura e sentimentalismo do espírito romântico que surgia em sua época.” (COELHO, 1984, p. 77).

Como marcas fortes de sua obra estão duas atitudes que Coelho (1984) nomeia de “espírito cristão” e “espírito liberal-burguês”. A primeira exalta as virtudes básicas que todo homem deve ter: paciência, resignação, amor, obediência, caridade, “e vê este mundo como um vale de lágrimas, que precisamos atravessar, para chegarmos ao céu, bem-aventurança eterna” (COELHO, 1894, p. 77). A segunda exalta a equidade entre os homens, o individualismo generoso, a importância das riquezas, “o pragmatismo das ações, a fraternidade e o paternalismo dos ricos, para minorar o sofrimento ou as carências dos pobres etc.” (COELHO, 1897, p. 77).

No Ocidente, a consagração de Andersen se deu através dos textos destinados ao público infantil. Na Dinamarca e em países do oriente, o público atraído pelo encantamento de sua escrita foi, inicialmente, o adulto, sendo depois amado também pelas crianças. Por ter sido conhecido em muitos países, a obra de Andersen sofreu muitas alterações graças às traduções e adaptações. Por esse grande índice de mudanças, aqueles que se preocuparam em estudar as obras do autor demonstraram preocupação com esses processos, mesmo sabendo que apesar das alterações feitas através dos tempos e das línguas, nada seria capaz de impedir que a sedução produzida pelos textos infantis fosse comprometida (DUARTE, 1995).

Sua obra ficcional é o resultado da junção de diferentes correntes que se entrecruzaram em seu tempo. O contexto em que ela se insere é o início do século XIX, no período pós Revolução Francesa, e consequente período Napolêônico, que foi de 1804 a 1815. A Dinamarca vivia uma fase caótica de transição entre a Era Clássica que terminava e a Romântica que estava prestes a se iniciar. Terminava a Era da Razão Clássica/aristocrata e começava a Era do sentimento romântico popular. Sobre isso, Duarte (1995) pontua que

os contos de Andersen surgiram na última fase do romantismo, quando começaram a fazer-se notar tendências populares e realistas.

Assim quando o contista lançou os seus contos, foi movido por um sentido de atualidade, a criança transmissora da fantasia, em oposição ao conceito clássico que lhe dava vestes de adulto, ou racionalista mergulhando-a num tempo de espera. (DUARTE, 1995, p. 72).

Para Tatar (2013), os contos do dinamarquês, ao contrário dos tradicionais contos de fadas e contos maravilhosos, nem sempre apresentam os comuns finais felizes, casamentos pomposos, ou a saída e a volta para casa em segurança depois dos desafios enfrentados pelas personagens. Essas dificuldades revelam não apenas o sofrimento pelos quais o próprio autor passou ao longo de sua vida, mas também aqueles que foram assistidos de perto, uma vez que ele vivenciou um período em que a ascensão econômica se dava por meio da expansão industrial e da classe dos operários que então se formava, gerando os contrastes da fartura dos que tinham melhores condições de vida ao lado da escassez dos que não tinham. Ele mesmo pertenceu a esta faixa social – a pobreza organizada em sistema e suas histórias demonstram que sua reação a essas circunstâncias não foi de revolta diante das injustiças sociais, mas de resignação e refúgio na fé religiosa.

Todas essas questões acerca do sofrimento e da dor compõem também a narrativa de *A história de uma mãe*, que será aqui analisada. O conto foi escrito por volta de 1847-1848 e traz uma trama curiosa em que uma mãe sai em busca de seu filho levado pela Morte. Para o autor, a morte é vista como a plena realização da vida. Por essa razão, a maneira que ele escreve sobre o assunto traz muito sobre a redenção, a sensibilidade, romantização e dramatização em torno desse momento.

No século XIX, o modo como as pessoas lidavam com o morrer passou por dois estágios principais: o primeiro via a morte como bela e objeto de exaltação e o segundo a repelia (ARIÈS, 2012). Neste conto, a repulsa para com o morrer predomina, principalmente porque a protagonista vivencia momentos de tristeza, desespero e busca constante por seu filho raptado. Não há nenhuma exaltação à morte, mas apenas à dor. A construção desse texto não gira em torno do término da vida do menino, mas do sofrimento de uma mãe que o procura incessantemente, na tentativa de trazê-lo de volta aos seus braços.

A trama se inicia com o momento em que a mulher e o filho vivenciam seus últimos minutos juntos e traz uma realidade comum às crianças do século XIX: a morte precoce, sobretudo das mais pobres. Muitas eram acometidas por doenças e faleciam

antes mesmo de completarem cinco anos. O presente texto não traz a idade da criança, mas acreditamos que as denominações como “filhinho”, “pequenino” e “pequeno ser”, utilizadas pelo narrador, para referir-se ao menino nos dão a ideia do pouco tempo de vida que tinha. O trecho que segue traz a passagem a qual estamos nos referindo:

Uma mãe se encontrava sentada junto do filhinho, muito aflita e receosa de que ele morresse. O menino estava tão pálido, os olhos pequeninos tinham-se fechado, sugava tão lentamente o ar e, de vez em quando, com uma aspiração tão funda era como se suspirasse. A mãe olhava cada vez mais angustiada para o pequeno ser. (ANDERSEN, 2011, p. 300).

Nesse momento de observação do menino doente, alguém bate à porta dessa mulher. Até então, o narrador apenas menciona ser um pobre velho à procura de abrigo contra o frio e somente depois de alguns períodos do texto ele afirma que aquele velho era a Morte. Nesse momento do texto nos deparamos com algo diferente do habitual: a caracterização da personagem não é a mesma que a iconografia antiga da morte convencionou – um ser esguio e esquelético, com uma foice e uma capa preta –; mas, é “[...] um pobre velho, envolto como que numa grande manta de cavalo, pois esta aquece, e ele, bem precisava dela, pois era um inverno bastante frio.” (ANDERSEN, 2011, p. 300).

Para a protagonista, aquele homem era apenas um pobre viajante, no entanto essa visão muda quando, pelo cansaço de três noites sem dormir, ela se deixa adormecer por alguns instantes e, ao levantar-se tremendo de frio, percebe que está sozinha na casa, pois não havia o velho nem tampouco a criança. Assustada a mulher se apercebe de sua realidade:

– Que é isto? – disse, olhando para todos os lados. O velho desaparecera e o menino também. Levava-o consigo. Lá no canto o relógio antigo zuniu, o peso grande de chumbo foi escorregando até quase o chão. Pum! Silenciou. (ANDERSEN, 2011, p. 301).

Nesse momento do texto, a solidude da casa abre espaço para o sofrimento e desespero da perda. Percebemos, então, a primeira representação da morte e do próprio luto como um momento abrupto que traz consigo a solidão e a dor. A descrição que o narrador faz da cena, enfatizando o barulho do relógio escorregando seu pêndulo até o chão e o silêncio após esse momento, contribui para a construção da ambientação em

que a cena acontece e traz à tona o desespero da personagem, que sai de sua casa gritando por seu filho.

Nessa saída, o narrador inicia na história uma série de aparições que podem ser compreendidas de duas formas: a primeira delas como os desafios que são enfrentados ao longo da vida daqueles que perdem alguém e precisam aprender a lidar com o luto e a ausência, e a segunda como um teste de resistência pelo qual a mulher teria de passar caso desejasse ter seu filho de volta.

Essas duas maneiras de enxergar os momentos que sucedem, aparecem tanto através das pessoas que ela encontra no caminho, quanto de outros seres que começam a aparecer e a demonstrar todo o percurso que a mulher sofreria para ter de volta sua criança. É interessante destacarmos que, até então, não é mencionado que o menino morreria, mas que foi apenas “raptado” pela Morte. O narrador não evidencia o que, de fato, aconteceu, apenas afirma que quem havia visitado a casa em busca da criança era a Morte. Ela é vista pelas outras personagens e age como um humano, correndo “mais veloz que o vento que nunca devolve o que leva.” (ANDERSERN, 2011, p. 301), o que acaba por demonstrar a ideia de que a morte pode chegar de forma inesperada e imediata para algumas pessoas e que ela é irreversível.

Ao dar-se conta da ausência do filho, a pobre mãe sai de sua casa correndo e gritando e é surpreendida por uma mulher que, como um passe de mágica, é encontrada em meio ao frio, sentada na neve com um vestido comprido. Até então, a mãe do menino não sabe que quem levou a sua criança fora o velho e que ele era a Morte, e é essa nova personagem que traz a informação. Nesse trecho do conto vemos que um outro elemento não humano é personificado para se comunicar com a personagem. Esse elemento é a noite e ela é representada por uma mulher de vestido preto e longo.

Nesse momento da narrativa inicia-se a sequência de negociações. A Noite é a primeira a dar as instruções necessárias para que a mulher encontre a criança desaparecida: “Sei que caminho tomou! [...] No entanto, antes de o dizer-te, tens de cantar-me todas as canções que cantastes ao teu filho! Gosto delas, já as ouvi. Sou a Noite, vi tuas lágrimas quando as cantava.” (ANDERSEN, 2011, p. 301).

O encontro com ela dá início a todos os outros que a protagonista da história terá ao longo de sua peregrinação e o seu pedido também será o primeiro dentre tantos que serão realizados na trama. As demais personagens que aparecem também fazem suas

cobranças como uma forma de “negociar” com a mãe desesperada na busca pelo filho roubado. Elas lhes dão novas orientações, mas sempre pedem algo em troca. Assim que a Noite pede que a mulher cante as canções, ela assim o faz e, depois de terminado o momento, recebe a seguinte instrução: “Vai à direita e entra no bosque de espruces, foi aí que vi a Morte tomar caminho com o teu menino!” (ANDERSEN, 2011, p. 301).

Chegando no lugar orientado pela Noite, a mulher encontra agora um espinheiro sem flores e folhas e ela pergunta sobre seu filho. Novamente, um novo ser inanimado é personificado e interage com a protagonista. Essa interação reflete algo bastante recorrente no universo dos contos maravilhosos, o fato de seres sobrenaturais, árvores ou objetos falarem com os humanos sem que haja estranhamento algum. No presente conto, elementos da natureza conversam com a mulher constantemente:

Não viste a Morte passar por aqui com meu filhinho?
– Claro que vi! – disse o espinheiro.
– Mas não te digo que caminho tomou sem que primeiro me aqueças no teu coração! Tenho um frio de morte, estou ficando completamente gelado. (ANDERSEN, 2011, p. 301).

A mais nova personagem encontrada impõe à protagonista um sofrimento além do que ela já estava passando, pois um desafio maior se colocaria à sua frente. Era necessário, agora, ferir a própria carne para ter seu filho de volta e ela assim o faz. Essa situação dramática vivenciada pela personagem da história nos faz pensar em como a ideia de perder alguém era compreendida no século XIX. A principal personagem do conto aqui analisado não aceita a partida de seu filho e, por isso, ela submete-se a tantos desafios para tê-lo em casa novamente, pois mesmo que estivesse doente, era a presença dele o que mais importava.

O fato dessa mãe desejar, de toda forma, ter seu filho de volta demonstra tanto a forma como as pessoas lidavam com a morte no século XIX, como a força da relação existente entre mãe e filho. Bem como pontua Ariès (2012), esse sentimento é tomado “pela emoção, choro, súplica. E, naturalmente, a expressão da dor dos sobreviventes é resultado de uma intolerância nova com a separação.” (ARIÈS, 2012, p. 68-69). Toda essa intensidade também está diretamente ligada à imagem atribuída ao ser mãe e aos ideais românticos da época. Esperava-se que essa mulher sofresse a dor pela perda e que fizesse tudo aquilo que estava ao seu alcance para ter a criança outra vez em seus braços, e ela assim o faz.

Mesmo com o pedido perigoso do espinheiro, ela o aperta e, abraçando-o, tem a carne perfurada pelos espinhos, que fazem seu sangue escorrer. Ela permite-se ser novamente machucada, agora na esfera física, e enquanto sente a dor em seu corpo, o calor e o amor que havia em seu coração fazem a planta florescer: “Do espinheiro rebentaram frescas folhas verdes e brotaram flores naquela noite fria de inverno, tanto calor havia no coração de uma mãe aflita.” (ANDERSEN, 2011, p. 302).

Assim que isso acontece, o espinheiro lhe orienta o próximo local e desafio. A parada seria um lago, mas um novo problema surge: seria impossível atravessá-lo, uma vez que não havia barco em suas margens que possibilitasse isso. É nesse momento que, pensando na melhor forma de resolver o problema, ela decide fazer algo ainda mais improvável humanamente: beber toda a água do local. Novamente, vemos a atitude da mulher ir contra a própria sanidade, tudo isso para conseguir interromper o ciclo natural da vida, por acreditar que teria o seu filho mesmo que ele tivesse sido levado pela Morte. Decidida a deitar na margem, ela é subitamente interrompida pelo lago, que é o novo elemento personificado da narrativa e pronuncia as seguintes palavras:

Não, assim nunca conseguirás nada! – disse o lago. – Vejamos antes se chegamos a um acordo! Gosto de colecionar pérolas e os teus olhos são os mais claros que tenho visto, se chorares até perdê-los para mim, levar-te-ei à grande estufa onde a Morte vive cultivando flores e árvores. Cada uma delas é um ser humano. (ANDERSEN, 2011, p. 302).

Um novo desafio é posto e esse é ainda mais cruel que os anteriores; perder os próprios olhos é a condição para ter o filho. Toda a história é marcada pelo sentimento de perda, pelo luto que está ligado não apenas ao filho que sumiu, mas a tudo que a mulher perde ao longo do caminho. Nesse momento da narrativa vemos uma construção metafórica acerca da Morte e da vida e percebemos também uma forte característica de da escrita de Andersen, que é o fato de construir acerca da morte associações simbólicas, tal como vimos no trecho anterior.

A personagem é comparada aqui como um jardineiro e a vida das pessoas como as flores a serem cultivadas. Infere-se com isso que, à medida em que essas flores forem sendo arrancadas do jardim, elas seriam retiradas também da terra e seriam levadas ao paraíso, outra representação diretamente ligada ao morrer e presente em quase todos os textos de Andersen que tratam sobre o tema e que será melhor descrito logo a seguir.

Por saber agora que encontraria a flor que representava o seu filho e resoluta em sua decisão, ela põe-se a chorar até que seus olhos caem no fundo do lago e se transformam em duas pérolas preciosas. Quando isso acontece, ele a coloca do outro lado da margem de forma mágica e é lá que está uma estranha casa. Embora a mãe não possa ver nada ao seu redor, pergunta em voz alta onde pode encontrar a Morte, que levou seu filho de si.

Nesse momento, uma senhora responde à pergunta e o narrador a descreve como a velha dos túmulos, cuidadora da grande estufa da Morte. Assustada com o fato de a mulher ter encontrado o caminho da casa antes mesmo que a própria morte chegasse, ela questiona sobre quem poderia tê-la ajudado e tem como resposta: “Foi o Nosso Senhor que me ajudou! Ele é misericordioso e tu também serás.” (ANDERSEN, 2011, p. 302). É nesse trecho que percebemos mais uma marca da obra do escritor: o aspecto religioso. Esses ideais de fé aparecem na vida de personagens que sofrem por algo e encontram em Deus ou no céu o alívio para seus sofrimentos. Muitas delas possuem uma vida marcada pela dor ou vivem um trauma, como a personagem aqui analisada, e veem no divino a solução para seus conflitos e o alívio para a suas almas. Nesse conto, não apenas a mãe relaciona-se com Deus, mas a própria Morte está sob seus comandos, o que comprova a relação existente entre a morte como fruto da permissão e vontade de Dele.

Ao chegar no local orientado, há um grande jardim de flores e árvores, que representam os vivos, e a guardadora dos túmulos afirma que naquela noite muitas murcharam e que a Morte chegará para transplantá-las. A mulher diz que cada uma daquelas flores é o coração de alguém e, por isso, a mãe deve procurar a flor em que bata o coração de seu pequeno filho, porque só assim poderá encontrá-lo no meio das tantas outras. No entanto, assim como as demais personagens anteriores, a velha também pede algo em troca, o cabelo negro e longo da pobre mãe, que não hesita em entregá-lo. Em seguida, ambas entram na grande estufa da morte, na qual a mulher aflita “[...] curvava-se sobre todas as plantas mais pequenas e escutava como batia o coração humano dentro delas e, entre milhões, reconheceu o filhinho.” (ANDERSEN, 2011, p. 303).

Nesse trecho percebemos o que foi mencionado anteriormente sobre o poder da relação maternal mostrado no conto. Isso é visto no fato de uma mulher cega conseguir

encontrar a flor que representava seu filho não porque a enxergou, mas porque reconheceu as batidas de seu coração em meio a tantas outras. É o seu tamanho amor e necessidade de tê-lo que fazem com que ela suporte todos os desafios enfrentados e o encontre, mesmo que de forma simbólica.

Apesar disso, ao encontrar a flor não poderia tocá-la, nem permitir que a Morte o fizesse, porque se isso acontecesse o filho estaria, de fato, morto. A velha orienta que a mãe siga os seguintes passos: “[...] Não a deixes arrancar a planta e ameça-a até de fazeres o mesmo às outras flores, que ela ficará receosa! Tem de responder por elas a Deus, nenhuma pode ser arrancada sem que primeiro Deus dê autorização” (ANDERSEN, 2011, p. 303). Novamente, percebemos algo bastante comum à sociedade não só do século XIX, mas a todas aquelas que estavam atreladas aos conceitos religiosos. A morte era atribuída à vontade de Deus e estava à disposição de sua soberania, seja como castigo, seja como alívio para infortúnios. Essa ligação entre ambos se dá, principalmente, porque “a maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era uma parte muito importante da vida; sendo assim, eles lidam diretamente ou por inferência, com temas religiosos.” (BETTELHEIM, 2014, p. 22).

Continuando, de súbito, uma aragem gelada passa na estufa e ambas percebem a presença da Morte, que questiona como a mulher pôde chegar lá e imediatamente direciona sua mão para a pequena florzinha, que estava protegida pela mãe. Ao ver o “impedimento”, a morte sopra nas mãos da pobre mulher um sopro mais frio que o próprio vento e elas caem desfalecidas. Ao ver isso, a morte argumenta sobre sua força e soberania aliadas à vontade divina. Entender que morrer era algo preparado por Deus ou deuses era uma ideia parte da sociedade ocidental. Rodrigues afirma que por existir a crença de que “[...] vida e morte são dons divinos, teme-se, conscientemente ou não, a morte como uma manifestação de Deus. É comum explicá-la com frases como “Deus quis assim” ou “o Senhor o chamou” (RODRIGUES, 1998, p. 14). Essa relação é percebida no trecho a seguir:

[...] Como vêes, nada podes contra mim! [...] Eu só faço o que Deus quer! – pronunciou a Morte. – Sou o jardineiro de Deus! Pego todas as suas flores e árvores e transplanto-as para o grande jardim do Paraíso, num país desconhecido. (ANDERSEN, 2011, p. 304).

Nesse momento da história, o fato de a mãe implorar por seu filho, enfatiza, novamente, o exagero diante da perda, e para Ariès (2012, p. 73), como foi mencionado, esse sentimentalismo exagerado do luto no século XIX tem muitos significados e um deles é a não aceitação da morte e é por essa rejeição que a protagonista submete-se a tantas situações difíceis, sem se importar com nenhum mal que pudesse recair sobre si mesma. Era a vida da criança que importava e não a sua. Essa atitude comprova o que Rodrigues (1983, p. 174-175) afirma sobre, desde o século XVIII, ser comum às pessoas demonstrarem a dor e a tristeza extrema ao perderem alguém, uma vez que, nessa época, o desespero da separação adquire novas dimensões no Ocidente: “[...] geme-se, grita-se, desmaia-se quer-se morrer, partir com o morto [...]”. Esses sentimentos são, muitas vezes, reais e encontram justificativas nas estruturas sociais da época. É por essa razão que Andersen descreve tão detalhadamente a angústia dessa mãe, pintando um retrato de um momento da história em que a morte era vista como um grande espetáculo emocional.

Na tentativa de negociar com a Morte, a mulher aflita segura duas flores, e essa ação deixa a outra personagem desesperada. Vendo a aflição da mãe e também sua cegueira, a Morte, que viu olhos brilhando no lago, os entrega à dona e explica a razão de sua preocupação. Ao colocar os olhos de volta, a mulher é orientada a olhar dentro de um poço e lá vê duas rosas; uma tornando-se uma benção para o mundo e outra uma miséria, repleta de horror e desgraça. A morte então pronuncia que ambas são a vontade de Deus para alguém na terra, uma flor de ventura e outra desventura, e a mãe questiona quem poderiam ser essas pessoas. Sem hesitar, a morte afirma que uma daquelas era a flor de seu filho, mas não aponta exatamente qual seja. Desesperada na incerteza, a mãe rompe com tudo o que esperávamos em todo o desenrolar do texto, ela suplica que a morte leve, de fato, seu filho de si, para protegê-lo da possível realidade de desventura. Ela abre mão do único bem que possuía:

[...] – Qual delas é o meu filho? Diz-me! Salva o inocente! Salva o meu filho de toda essa desgraça! Leva-o antes! Leva-o para o reino de Deus! Esquece as minhas lágrimas, esquece as minhas súplicas e tudo o que disse e fiz! (ANDERSEN, 2011, p. 305).

O trecho acima muda completamente todo o desfecho que se esperava para a história. As dores da peregrinação, as perdas no próprio corpo, o sofrimento, não

parecem mais fazer sentido quando ela avista o possível desfecho da vida de quem mais amava. Agora não havia mais a necessidade de ter o filho para si outra vez, restava apenas o anseio de protegê-lo de um futuro de dor e amargura. Uma mãe abalada por todo o sofrimento vivido na busca da criança, agora demonstra ainda mais o seu amor livrando-o de desventuras vindouras. A Morte, por outro lado, se vê confusa com toda a situação e diz: “– Queres que eu te devolva o teu filho ou devo levá-lo para lá, para esse lugar que não conheces?” (ANDERSEN, 2011, p. 305). E ela, ainda mais angustiada, deixa-se cair de joelhos e a Deus responde “– Não me ouças, se suplico contra a tua vontade, que é justa! Não me ouças! Não me ouças!” (ANDERSEN, 2011, p. 305).

Ao clamar a Deus sobre seu desejo, a mulher “inclinou a cabeça para o regaço [e] a Morte partiu com o filho para o país desconhecido.” (ANDERSEN, 2011, p. 305). Em outro conto de Andersen, intitulado *A criança na sepultura* (1859), também faz menção ao “país desconhecido” relacionando-o ao céu, por essa razão acredita-se que o mesmo ambiente é retomado aqui e agora que a situação já apresenta um desfecho formado, não havia mais buscas, mas apenas o silêncio da perda. Silêncio esse que é visto tanto no início do conto quanto em seu término, quando a Morte leva, de uma vez por todas, a criança e não acrescenta mais nenhuma informação sobre o retorno da mulher à realidade, mas apenas descreve a cena de sua cabeça deitada sobre o regaço.

Essa narrativa densa sobre finitude e sofrimento, tão repleta de simbologias acerca do luto, da morte e da vida, tais como o jardim, a Morte como um grande jardineiro submisso à vontade de Deus, as personagens encontradas ao longo da trajetória e o significados que cada um deles pode ter, nos fazem pensar não só na quantidade de infortúnios pelos quais passou uma mãe aflita para conseguir seu filho mas em como, por amor e medo, ela o deixou para garantir que seu futuro não seria desastroso, entregando-o à Morte como forma de proteção. A sua escolha final de deixar o filho partir revela não só o amor por ele, mas a compreensão em torno da própria morte e de sua chegada indesejada. Através dessa narrativa, Andersen nos faz pensar que a morte chegará para todos e que mesmo que façamos de tudo para impedi-la, haverá um momento em que isso não será possível e só nos restará a aceitação diante de uma verdade universal para todos.

Dentre todas as questões compreendidas a partir do texto e analisadas através dele, percebemos, que muito dos ideais de fé vividos por Andersen estão implícitos em

sua obra, e não apenas nesse conto. Embora trate da dor e da perda, o autor trata dessas temáticas de forma romantizada e sensível, não somente por ter em sua obra esse caráter melancólico, mas por beber nas ideias românticas próprios do período em que a narrativa foi escrita e onde havia a exaltação da dor e da dramatização em torno disso.

Muitas das narrativas de Andersen trazem a Morte como uma das personagens de destaque de uma forma eufêmica, metafórica e exemplar e, em diversos textos, faz críticas às disparidades sociais, à ausência de altruísmo do homem, à pobreza exacerbada e o abandono dos desvalidos. O que se percebe no texto em questão é que, apesar do medo e do sofrimento causado pela perda, o amor moveu as ações da protagonista tanto na tentativa de encontrar o filho perdido, submetendo-se a infortúnios que lhe custaram a pele, os olhos, o cabelo e todas as forças que tinha, como de entregá-lo à Morte para poupá-lo da dor futura.

Conclusões

O presente artigo buscou analisar o lugar da morte na narrativa *A história de uma mãe*, através de elementos composicionais e linguísticos presentes no texto, bem como a descrição das personagens, das cenas em que ela aparece e da influência da voz narrativa no contexto da história. Ao longo dessa pesquisa vimos que a morte foi abordada de diversas maneiras ao longo da história da literatura e muitas das obras que a representaram sofreram inúmeras modificações. Essas mudanças eram e, ainda, são decorrentes de fatores como o momento social e cultural em que as histórias foram escritas, o estilo de escrita de cada autor, as influências culturais recebidas de outros povos e a própria forma de compartilhar essas narrativas.

No presente trabalho, trouxemos a análise de uma narrativa controversa e inquietante sobre a relação existente entre o homem e a morte, principalmente porque, depois de tanto sofrimento, uma mãe abre mão de seu filho por medo de que, caso retornasse, sua vida fosse de tristeza e mais dor. Mesmo sendo um texto que não trata sobre a morte e o universo infantil, a abordagem vista no faz perceber quão presente essa temática é na literatura infantil e que, embora sejam narrativas escritas há séculos, esses textos ainda fazem parte do imaginário de jovens e adultos e são narrativas que não perderam o lugar na literatura e no universo da criança e jovens leitores. Com temas

que envolvem amor, ódio, tristezas ou alegrias, essas aventuras narradas e vividas por heróis, princesas, animais e elementos mágicos, abrem espaço para a fantasia e o ilogismo de forma única.

O conto aqui analisado trouxe a morte como personagem do texto e não somente como um acontecimento em si. Nele percebemos como as marcas do século XIX estavam presentes na trama, seja na dramatização, na dor do luto e no modo de encarar a morte como um todo. A maior beleza da narrativa encontra-se na dor da mãe que sofreu inúmeros males para tentar livrar seu filho da morte e que ao ter a oportunidade de ver o possível futuro de dor que ele enfrentaria se permanecesse vivo, roga para que a Morte cumpra sua função inicial, que no texto é descrita como vontade de Deus. O desfecho da história, conforme vimos, vai contra toda a busca incessante do decorrer do texto, porque o velho, personagem que representa a morte, sai da posição de vilão para amigo, e, por um pedido da mãe, fica com a pequena criança. Trazendo seus ideais de fé, Andersen mostra que toda morte é uma passagem dolorosa, mas necessária à vida.

A partir do percurso descritivo aqui escolhido, podemos compreender o quão importante é a discussão sobre a morte nos textos literários, ainda que de forma alegórica ou inferencial. Principalmente porque é por meio da literatura que o leitor pode vivenciar tramas que se utilizam da simbologia, das metáforas ou do ilogismo para tornar suas histórias atraentes. Os ouvintes ou leitores encontram nas personagens imaginárias que povoam as narrativas situações semelhantes às que se defrontam no seu cotidiano. Provavelmente, a história daquela mãe aqui analisada já foi a história de muitas outras da época em que o conto foi escrito; não porque elas encontraram personagens estranhas à realidade no meio do caminho, mas porque se depararam com desafios e com a dor diante da perda e precisaram lutar com tudo o que tinham para suportar a dor e tomar as melhores decisões.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil. IN AGUIAR, V.T; CECCANTINI, L.J; MARTHA, A.A.P. (Orgs.) *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica. ANEP, 2010.

ANDERSEN, Hans Christian. *Contos de Hans Christian Andersen*. Tradução de Silva Duarte. – São Paulo: Paulinas, 2011.

ARIÉS, Philippe. *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Tradução de Priscila Viana Siqueira. 2a ed. Lisboa: Teorema, 2012.

_____. *História social da infância e da família*. Tradução de Dora Flasksman. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

AZEVEDO, Ricardo. *Conto popular, literatura e formação de leitores*. 2007. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Contos-populares.pdf>>. Acesso em: 27/set/2018.

_____. *Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares*. 1999. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Literaturainfantil.pdf>>. Acesso em: 27/set/2018.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise nos contos de Fadas*. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHIAVENATO, Júlio José. *A morte uma abordagem sociocultural*. São Paulo: Moderna, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Editora Ática, 1984.

_____. *A Literatura Infantil*. São Paulo: Quíron, 1984.

DARNTON, R. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUARTE, Silva. *Andersen e a sua obra*. Lisboa, Portugal, Livros Horizonte, 1995.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOVÁCS, Maria Júlia. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LOTTERMANN, Clarice. *Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira*. In: *SILEL*, 1, 2009, Uberlândia. *Anais do SILEL*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 08-20.

MIRANDAI, Sonia Regina; LUCAI, Tania Regina de. *O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD*. In: *Revista Brasileira de História*, vol.24 no.48 São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200006>. Acesso em 20/out/2018.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. *A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2011

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.